

DAS CARTAS E TRILHOS À INTERNET E BOINGS: a atuação das novas tecnologias de comunicação e transportes na dinâmica do fluxo de emigração valadarenses (1980-2008).

Elton Francisco
UDESC
eltongamboa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho ainda está em aberto, é apenas uma narrativa preliminar fruto de um trabalho maior que procura historicizar a configuração de uma rede de conexões entre os emigrantes da cidade de Governador Valadares (MG) nos EUA e seus parentes e/ou amigos no Brasil verificando como a modernização nas áreas de comunicação e transportes das últimas décadas modificou as possibilidades de contatos (das cartas na década de 1960 aos emails a partir da década de 1990, por exemplo) entre estes agentes, bem como, analisa o impacto que isso causa neste fluxo em particular. As maneiras utilizadas pelos emigrantes nos EUA e seus conterrâneos no Brasil para manter o contato também possuem uma “genealogia” e são fundamentais no planejamento e na execução do projeto migratório. Este já foi o tema de um Trabalho de Conclusão de Curso que agora é amadurecido em uma dissertação de mestrado em História desenvolvida na Universidade do Estado de Santa Catarina sob a orientação da professora Gláucia de Oliveira Assis. O trabalho é embasado nas memórias e experiências dos habitantes da cidade, dentre eles: emigrantes da década de 1960, emigrantes recentes e ainda parentes e/ou amigos que tenham acompanhado a experiência migratória de outros. A construção de narrativas orais foi possível a partir da realização de dois trabalhos de campo realizados em Governador Valadares em maio de 2007 e janeiro de 2010.

ENTRE MEMÓRIA, IMAGINÁRIO E JORNAL: uma narrativa sobre a origem do fluxo de emigração de Governador Valadares para os Estados Unidos.

O contato entre os habitantes de Governador Valadares e os americanos se deu ainda na década de 1940 por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Em 1942 o Brasil assinou o acordo de Washington cujo principal objetivo era reunir os países da América

Latina no esforço de guerra dos aliados. Nesse acordo o Brasil se comprometeu a aumentar a produção do minério de ferro, tendo em vista que as principais jazidas estavam em território Alemão. Grande parte do mineral era extraída das grandes jazidas localizadas em Itabira, Minas Gerais e seguia pela estrada de Ferro Vitória-Minas até o porto de Vitória de onde era exportado para os EUA e Inglaterra (VILARINO, 2008 apud SIQUEIRA, 2008). Para suprir esta demanda, o governo brasileiro criou a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) que incorporou a estrada de ferro Vitória-Minas. A estrada, no entanto, necessitava de reformas, o que ficou a cargo da empresa americana Morrison. Foi então que chegaram em Governador Valadares muitos trabalhadores americanos para a reforma da estrada. Para abrigar os trabalhadores americanos foi construído um conjunto de casas de madeira no estilo americano, bairro até hoje denominado de “Acampamento da Vale”.

Também neste período, tanto a construção da BR-116 (Rio-Bahia), quanto o comércio de madeira, pedras preciosas e de mica, constituíram-se em oportunidades de trabalho para os fluxos migratórios que eram absorvidos por uma economia em franca expansão; era uma terra de “fronteiras abertas” onde muitos vieram “tentar a sorte”. A economia até então era sustentada por atividades extrativas. Governador Valadares tornou-se um dos maiores centros mundiais de exportação, beneficiamento e comercialização de mica. Em 1943 o governo americano comprou toda a produção brasileira (CAMPOS, 2006 apud SIQUEIRA, 2008). A mica era considerada material estratégico para a indústria bélica e trouxe companhias americanas para a cidade, quando esta ainda passava por um período de prosperidade econômica e crescimento da malha urbana (ASSIS, 2002). Neste período, Governador Valadares também recebeu um considerável número de americanos que coordenavam os trabalhos de extração e beneficiamento da mica, o que segundo SIQUEIRA (2006, p. 60), gerou muitos empregos e conferiu certo dinamismo à vida econômica local.

Todavia, a malária e outras doenças tropicais assolavam a região, atacando os trabalhadores americanos e atrasando o andamento do projeto. Para amenizar este problema foi criado o programa Rio Doce, que tinha como principal objetivo sanear as três maiores cidades por onde passava a estrada de ferro (Governador Valadares, Aimorés e Colatina). Através do programa foi instalado na cidade de Governador Valadares o SESP

(Serviço Especial de Saúde Pública) e um programa de saneamento básico. Estes programas e a construção do SESP são marcos na melhoria da qualidade de vida de Governador Valadares e região, e está identificado na memória popular com a chegada dos americanos (VILARINO, 2008 apud SIQUEIRA, 2008).

O SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) foi criado em 1943 por um convênio Brasil – EUA, com a finalidade de extinguir a malária que assolava a região. Na direção do SESP, os principais cargos eram exercidos por americanos, os outros por brasileiros (...). Todavia, atribuo que o gasto do americano com a extinção da malária se prendesse ao interesse pela obtenção da mica. (Hist. V, 70 anos apud ASSIS, 1999, p. 128-9) ¹.

(...) Esses jornalistas, esse pessoal sempre quer falar comigo e eu nunca me interessei em responder porque eles querem que eu diga que os americanos tinham interesses imperialistas e por isso nos ajudaram. Eles nunca conseguiram incutir no valadarense sentimentos antiamericanos, pois foram eles que nos deram saneamento básico, água, esgoto (...). Esta identificação já faz parte da nossa identidade. Governador Valadares é uma cidade de interior voltada para o exterior, para o oceano; antes da guerra eram os alemães e os japoneses, depois os americanos – estes só trouxeram progresso. Nós hoje somos uma cidade internacionalizada, tanto é que você vê, qualquer pé-de-chinelo sai destas cidadezinhas aqui perto, vai para o Galeão, pega um avião, chega no Kennedy e se sente em casa. (Hist. I, 70 anos apud ASSIS, 1999, p. 129).

Tudo melhorou, visitavam as casas ensinando as mães a cuidar das crianças e todos tinham tratamento de saúde [...] davam remédio para a febre tremedeira, antes não tinha nada [...]. Melhorou demais, eles [americanos] é que trouxeram isso tudo pra cá. (Etelvina, 86 anos, entrevista realizada em abril de 2008 apud SIQUEIRA, 2008, p. 05).

Os relatos demonstram como a presença americana foi sentida na cidade. Ao se responsabilizarem pelas construções de rodovias em curso na região e também ao financiarem a construção do SESP, os americanos passaram a ser encarados como símbolos de progresso e modernidade. A demais também, eles iniciaram o processo de dolarização na cidade, seja no pagamento dos serviços prestados, seja no recebimento de gorjetas aos favores prestados, passando “a idéia de opulência e fartura do local de onde vinham os americanos. Findo o ciclo econômico da mica, fica no imaginário popular a visão dos EUA como *Eldorado*” (SIQUEIRA, 2006, p. 61).

¹ Os nomes dos entrevistados citados neste trabalho foram substituídos por nomes fictícios para manter suas identidades preservadas.

Os fatores que causaram a criação e a circulação deste imaginário, como a admiração causada pelo estilo de vida americano bem como as melhorias que ocorreram na cidade e que foram a eles associadas, podem ter sido fortalecidos posteriormente, mas especificamente ao longo da década de 1960, pela imprensa local. Uma inicial análise das matérias divulgadas pelo jornal Diário do Rio Doce sugere isso, como por exemplo uma coluna escrita por Ruy Pimenta Filho ao longo do ano de 1960 que escreve sobre suas impressões de viagens aos EUA:

(...) Os cheques são pagos imediatamente com a mesma simplicidade com que se retira dinheiro na *'saving account'*, e, no fim do mês, são remetidos ao eminente como comprovante de que o pagamento foi feito. Muito simples o serviço de banco nos Estados unidos, pelo menos neste tipo de transação a que me refiro e que pude ver bem de perto e indagar a respeito. Certamente que as outras transações são feitas com a mesma simplicidade. Na América do Norte porém, o povo já está muito educado e treinado nestas questões e nem de longe se admite uma contravenção por pequena que seja. Se uma pessoa emite um cheque sem fundo ou, se por qualquer motivo é apanhada em situação comprometedora, vai irremediavelmente para a cadeia. É claro que tudo isso é um problema de amadurecimento e educação e no Brasil estamos para atingir dentro em breve o mesmo nível". ("Agência de banco nos EUA", Jornal Diário do Rio Doce, 21 de maio de 1960).

A primeira vez que fui a Washington, percorremos de automóvel os pontos mais importantes da cidade e pude fazer uma idéia de conjunto da capital dos EE.UU. Em um dos postos de gasolina pedimos mapas e em uma livraria adquirimos um guia. Fizemos uma rápida visita aos monumentos de Lincoln e Jefferson, passamos pela casa Branca e fomos também à Biblioteca do Congresso (...) Aquê centro de Washington é majestoso – toda arquitetura é clássica. Tem-se a impressão de estar na Athenas do século de Péricles, ou em Roma dos Césares, com iluminação elétrica, automóveis e aviões. Enormes edifícios, com colunas em mármore, chamando particularmente a atenção o Capitólio e a Galeria Nacional de Artes. ("Uma visita a Washington", Jornal Diário do Rio Doce, 26 de maio de 1960).

A divulgação e circulação deste tipo de matéria ao longo da década de 1960 pode ter aumentado o fascínio que os Estados Unidos já provocava nos habitantes de Governador Valadares, uma vez que elas sempre se referem a coisas positivas e adjetivos do tipo: "majestoso", "grandioso", "povo educado" são comumente encontrados na redação de tais conteúdos. Em que medida este jornal ajudou no fortalecimento e na circulação deste imaginário é ainda uma questão em aberto e uma análise mais cuidadosa dessas fontes ao longo da pesquisa em andamento nos possibilitará uma resposta mais consistente.

Seja como for, ao longo desta mesma década então, emigraram para os Estados Unidos os primeiros valadarenses com o objetivo de trabalhar e que segundo SIQUEIRA (2008, p. 08) eram dezessete jovens de classe média alta, que possuíam o segundo grau completo e estavam na faixa etária de 18 a 27 anos. Emigraram não por razões econômicas e sim pela aventura e pela curiosidade de conhecer um país que consideravam rico, desenvolvido e cheio de grandes oportunidades. Os relatos sugerem que estes jovens já eram seduzidos pelo modo de vida americano e acreditavam que as coisas mais importantes do mundo aconteciam por lá, como a música, os filmes e a guerra do Vietnam.

Nós rapazes daquela época gostávamos muito de músicas, acompanhamos a fase de muitos cantores como: Elvis, Beatles e outros, então a gente vibrava com isto e eu tinha um sonho de conhecer a Broadway e quando eu cheguei perguntei onde era a Broadway e disseram que eu estava nela, fiquei muito emocionado e também tive sorte de morar na Rua 42 bem no centro de New York. (Hélio, emigrou em 1964 apud SIQUEIRA, 2008, p. 08).

Tudo foi em 1964. Eu era bancário, constituí a primeira turma de emigrantes valadarenses. A idéia surgiu através de um amigo, que fazia curso de inglês comigo. Pensávamos em ir para conhecer e não para trabalhar. Este meu amigo (...), em 1964, depois da Revolução, foi a Belo Horizonte visitou o consulado e recebeu a seguinte informação: era fácil ir, passagem custava seiscentos dólares (não sei se era ida e volta) éramos tão bobos que não sei se fomos lesados. Tínhamos que apresentar um mil dólares e todos os documentos pessoais. Não havia problema para emigrar e contamos esta idéia para mais dois amigos que deram a entrada nos papéis juntos. Mas meu amigo, que tinha situação financeira melhor, (pai empresário, dono da primeira fábrica de macarrão da cidade, grifo da autora) foi primeiro. Ele também era bancário e foi o primeiro a pisar em solo americano. (Emigrante II apud ASSIS, 2002, p. 46).

Os discursos proferidos pelos migrantes quando da volta ou através das cartas que enviavam, alimentavam os sonhos de outros valadarenses de “fazer a América”. O convite estendido a parentes ou amigos ao mesmo tempo que alimentava o fluxo, diminuía os receios destas pessoas, uma vez que a presença de conhecidos já estabelecidos no país de destino tornava o projeto mais seguro. Diminuíam-se os riscos, pois os já estabelecidos podiam facilitar o egresso de outros, seja financiando a viagem ou mesmo apoiando quando da chegada nos EUA, oferecendo hospedagem e ajudando na procura do primeiro emprego.

Para SIQUEIRA (2008) esses dezessete primeiros emigrantes foram os pontos iniciais da rede migratória de Governador Valadares para os EUA. Segundo os

depoimentos a maioria deles auxiliou mais de 30 pessoas, entre parentes e amigos a emigrarem, estes por sua vez foram pontos de apoio para outros tantos. Desta forma foi-se constituindo uma rede migratória no decorrer dos anos de 1960 e 1979 dando origem ao *boom* emigratório da segunda metade dos anos de 1980 quando emigraram mais de 50% do total de valadarenses que partiram para os Estados Unidos (SALES, 1999). O que se explica, em parte, pela combinação entre imaginário e contexto histórico: a memória coletiva dos habitantes da cidade com relação à presença americana na cidade durante a década de 1940 (associada à idéia de progresso e modernidade), os relatos dos emigrantes bem sucedidos durante a década de 1960 e a paulatina configuração de uma rede de apoio combinados com a crise econômica vivenciada pelo país e à estagnação econômica da cidade (principalmente a redução dos postos de trabalho), são fatores que sugerem uma explicação para o significativo aumento do fluxo ao longo dos anos 80.

DAS CARTAS E TRILHOS À INTERNET E BOINGS: a atuação das novas tecnologias de comunicação e transportes na dinâmica do fluxo de emigração valadarense.

Os fluxos migratórios contemporâneos difere dos anteriores por uma série de razões, dentre elas: um diferente e complexo contexto histórico e social caracterizado sobretudo por um novo paradigma da economia mundial, de forma que, o crescimento dos atuais fluxos de migrantes internacionais é consequência da reestruturação econômica que internacionalizou a produção e possibilitou o surgimento de um espaço transnacional que facilitou a mobilidade do trabalho; pela formação de redes sociais que potencializam para o emigrante uma rede de relacionamento com amplas possibilidades de trocas de experiências, de informações, relações econômicas, culturais e simbólicas, que influenciam na idéia de planejar um projeto de emigração, bem como, diminuem os custos econômicos e psicológicos na realização deste projeto. E poderíamos ainda citar uma terceira razão que se configura como uma importante característica dos fluxos migratórios contemporâneos: a manutenção periódica dos contatos com a terra de origem.

É verdade que os e/imigrantes envolvidos nos fluxos migratórios que ocorreram até meados da primeira metade do século XX não cortaram em definitivo os

contatos com a terra de origem, o que era feito sobretudo através do envio de correspondências (SEYFERTH, 2005), ocorre que os e/imigrantes dos fluxos contemporâneos possuem muito mais possibilidades de fazê-lo, de muitas formas e com grande frequência. No fluxo emigratório de Governador Valadares não é diferente, as entrevistas com emigrantes retornados sugerem um intenso contato com parentes e amigos durante todo o período em que estiveram nos Estados Unidos, mesmo aqueles que migraram ainda na década de 1960, embora, assim como a experiência migratória destes tenha sido diferente da experiência daqueles que emigraram a partir da década de 1980, as maneiras utilizadas para manter o contato também o foram.

Os emigrantes da década de 1960 relatam sobre a dificuldade que era deslocar-se até os Estados Unidos naquele período, como também descrevem as dificuldades para se comunicar com suas famílias.

T- Chegamos tão empoeirados no Rio de Janeiro, porque não tinha asfalto. Bom, depois, nós fomos pra pegar o avião, fui pra pegar o avião, era um avião de quatro, era o chamado “constellation”, era um “constellation”, era um avião, de 4 hélices, quer dizer, um avião lento, entendeu? Barulhento, e que saia pousando aí por todo lado, entende? É Manaus, ia pra esses países aí do Caribe, depois Porto Rico até chegar em Miami. Era uma viagem bem longa, entendeu, então não tinha, o avião era um troço ainda muito, né, demorado, não sei se levou 18 horas, era um negócio assim, 18, 20 horas de voo, entendeu? (risos) E depois o seguinte, olha bem, eu acho isso importante, é, não tinha telefone, tinha mas era precário, o negócio era tão difícil, e era tão raro e tão dificultoso que nesse natal de 62 eu ganhei da minha família, ganhei uma chamada pro Brasil e tenho até os jornais, eu tenho isso documentado, mas eu vou até ver se tenho alguma coisa aí, mas o negócio era tão importante, quer dizer, o pessoal lá naquele cantinho do Texas, eu morei no Texas, quer dizer, falar com o país (...) Então, o seguinte, era uma dificuldade então, eles tiveram que pedir essa ligação com dois, três dias pro Natal e eu não conseguia falar, aí não falava direito e aquela confusão toda. Então não tinha telefone direito, correspondência era 30, 45 dias pra chegar, entendeu? Então, esse ambiente, dessa época era pouco propício assim pra ter assim um fluxo de imigração.
(Coelho, Governador Valadares, 05 de maio de 2007)

Meios de transporte precários e demorados, telefonemas dificultosos e estradas empoeiradas são características apontadas neste relato, o que sugere que a viagem até os Estados Unidos se dava através de meios de transportes que hoje nos parecem antiquados e inseguros, em viagens longas realizadas através de estradas que até então, e ainda em território brasileiro, não eram pavimentadas. Da mesma forma, a comunicação com familiares se dava através da escrita de cartas que ainda demoravam semanas até chegar ao destinatário e de telefonemas “dificultosos”. Os telefones já representavam

importante papel como veículo de comunicação mesmo que a qualidade ainda deixasse a desejar. Ele foi tema de uma das matérias do colunista Ruy Pimenta Filho na coluna “Impressões de Viagens”:

Recebi hoje um telefonema sôbre os artigos que venho escrevendo no DIÁRIO DO RIO DOCE – tenho lido seus artigos no jornal, você pretende estabelecer uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil? Você não acha que raciocinar em termos de dólar e cruzeiros conduz a conclusões desacertadas? Que inclusive poderia produzir um mal, dizendo por exemplo que pagamos uma ninharia pelos nossos telefones e os usamos com extrema liberdade? (...).

Surpreso pelo telefonema mas feliz por saber que agora já possuía pelo menos dois leitores, ele próprio e o interlocutor do telefonema, Ruy pimenta se justifica dizendo que não pretende estabelecer comparação entre o Brasil e os Estados Unidos, mas que

(...) Sobre os telefones fiz, de fato, comparação, porque achei a diferença entre o preço do telefone nos Estados Unidos e no Brasil realmente muito grande. Acho mesmo que se companhias como a telefônica continuarem com o atual sistema que mantem na exploração do serviço que prestam ao público serão infalivelmente levadas a um caminho – terão seu maquinário de sua aparelhagem envelhecidos e arruinados pelo desgaste e pelo uso, sem possibilidade de ampliação e renovação como tem acontecido em tantas outras cidades, mesmo em Belo Horizonte, ou do contrário terão de mudar o sistema de explorar o seu serviço. O telefone é um empregado de primeira ordem, colocado ali, quietinho, à disposição da gente fiel, fidelíssimo, pelo qual não se necessita pagar o instituto nem ter o receio de ser desobedecido por ele, ou de criar questões na justiça do trabalho e para que o mantenhemos sempre bom, que com ele possamos falar sempre a um maior número de pessoas, é necessário que ele progrida, amplie suas linhas e instalações e aumente sua rede de assinantes (...).

A querela entre Ruy Pimenta e o interlocutor do tal telefonema corrobora com a idéia de que o sistema de telecomunicação na cidade de Governador Valadares ainda era pouco desenvolvido na década de 1960, embora o telefone já se apresentasse como importante veículo de comunicação, o que levou Ruy Pimenta a alertar sobre a necessidade de ampliação das linhas e a modernização e conseqüente melhora do serviço. O que também corrobora com o relato de Toninho Coelho quando fala das dificuldades encontradas para se comunicar com sua família no Brasil e da precariedade do serviço encontrado. Seja como for, pode-se deduzir que a posterior melhora deste serviço tornaria o telefone um importante veículo de comunicação para que os emigrantes se comunicassem com o Brasil.

Tive uma saudade imensa do Brasil, um vácuo indescritível no coração, senti uma falta louca da família, da cidade, dos amigos, de tudo, até mesmo da comida, o feijãozinho mineiro que lá nunca pude encontrar. Sempre ouvi falar em nostalgia, mas imaginava que fosse uma dança própria só dos poetas, só daqueles que tem uma sensibilidade muito aprimorada para as coisas do coração – meu velho, a coisa é dura – duríssima! Dizem que homem não chora? Passa uns dois meses em um país estrangeiro, só, sem família, e sem compatriotas e vem me contar se homem chora ou não chora...

(“À Margem de um Telefonema”, Jornal Diário do Rio Doce, 22 de maio de 1960)

Tentando demonstrar que, apesar da comparação feita anteriormente sobre os telefones, ele estimava em demasia o Brasil, Ruy Pimenta chama a atenção para a saudade da família, dos amigos, dos hábitos e costumes da terra de origem, que se sente quando se está em outro país, em outras palavras ele sugere, ainda que indiretamente, que no contexto de uma experiência migratória, a possibilidade de poder comunicar com a terra de origem é de suma importância e possui suas conseqüências, ainda que seja fazer homem chorar. Pode-se cogitar a idéia de que a insuficiência da comunicação entre emigrantes valadarenses e seus contrterrâneos no Brasil tenha inibido a emigração de um número maior de pessoas durante a década de 1960, isso se levarmos em conta o fato de que a entrada naquele país era de todo modo facilitada sem a necessidade de obtenção de visto e dado que os entrevistados revelam não ser tão alto o custo de tal viagem. O que talvez não tenha acontecido justamente pela falta de informações necessárias para este empreendimento. A insuficiência na comunicação impossibilitava a circulação de tais informações, o que certamente começa a ocorrer com o retorno dos primeiros emigrantes e com a modernização dos meios de comunicação. Questionado sobre o que os americanos falavam quando Toninho dizia que era brasileiro, o mesmo responde que

T- Eles não sabiam de nada, entendeu?

E- Eles não sabiam de nada? Se espantavam quando você dizia que era brasileiro?

T- É claro que, o Brasil né, era conhecido mas ninguém tinha noção de nada, entendeu. É o seguinte, não tinha televisão direito.

E- Não tinha televisão?

T- O rádio era, era, as coisas assim era divulgadas através das rádios, de rádios governamentais, era a voz da América de um lado, não é verdade? E a, a voz do Brasil que entrava, assim, com muita dificuldade, então a gente tinha pouco acesso também, à informação, entendeu?”

(Coelho, Governador Valadares, 05 de maio de 2007)

Toninho aponta a inexistência da televisão como a responsável pela falta de informações nos dois países, segundo ele, o mesmo conhecia bem os Estados Unidos através das leituras que fazia sobre aquele país e não que ouvisse pelo rádio ou pela televisão, já os americanos não conheciam muito bem o Brasil porque “não tinha televisão direito”. Essa insuficiência de informações revela que a partir do momento em que começam a se modernizar os veículos de comunicação, inclusive o rádio e a televisão, as pessoas passam a conhecer melhor o exterior e também o próprio país de origem.

A experiência dos emigrantes da década de 1980 já se configura de outra forma. Os veículos de transporte e comunicação deixam de apresentar problemas e passam a oferecer soluções conforme vão se modernizando. A viagem para os Estados Unidos passa a ser feita em menos tempo e através de ônibus ou carros e aviões mais modernos e seguros, embora as exigências para a entrada no país já fossem outras, como a necessidade de obtenção de visto por exemplo. A circulação das informações, tanto aquelas sobre o modo de vida americano quanto as que são necessárias para o projeto de migrar é favorecida pela modernização de veículos de comunicação como a televisão e o rádio e pelo retorno de um número maior de emigrantes. A comunicação entre emigrantes e conterrâneos continua sendo feita através do envio de cartas e de telefonemas, mas agora as correspondências são entregues em curto intervalo de tempo e os telefonemas já possuem qualidade superior. As possibilidades de contatos mais frequentes entre os que estão “aqui” e os que estão “lá”, pode aumentar o número de emigrantes justamente porque desta forma há uma maior possibilidade de ajuda mútua. Os emigrantes já estabelecidos enviam não só notícias sobre suas vidas, mas também, convites e oferecimentos no financiamento dos custos despendidos na viagem, facilitando as coisas no momento da chegada nos EUA, na obtenção do primeiro emprego, etc.

P- Porque, foi logo no começo, logo no começo que eu falava comigo, que o pessoal começou a falar em EUA né?! Que foi, duas pessoas já tinham ido, mas eu fui em oitenta e sete, oitenta e sete? É foi isso mesmo!

E- Por que você resolveu ir?

P- Porque, o pai da Lorena, vários amigos começaram a ir, telefonando de lá, tava bom e tudo e tal, que tinha oportunidade, de trabalho, comprar casa e tal, e aqui não, a oportunidade é muito pouca né?! Aí ele falou assim: vamo casar e vamo embora?

(Paula, Governador Valadares, 05 de maio de 2007).

Durante a década de 1980 o veículo de comunicação mais utilizado pelos emigrantes e suas famílias foi o telefone. Ele pode ser considerado um dos grandes responsáveis pela circulação dos mais variados tipos de informações no interior das redes sociais formadas no fluxo de emigração de Governador Valadares. A modernização dos serviços telefônicos no entanto, não inibiu a comunicação efetivada através das cartas. Os emigrantes de Governador Valadares escreveram muitas cartas ao longo de todo o período de existência deste fluxo e, embora a circulação delas tenha se tornado menor com a modernização de outros veículos de comunicação como o telefone, ou mesmo havendo a substituição da escrita em si pelo envio de fitas cassete por exemplo, a “permanência desta forma de ligação é muito significativa, pois neste mundo de tantas facilidades de comunicação, a carta continue a ser um registro estimado pelos emigrantes” (ASSIS, 2002, p. 69).

Todavia, neste processo de modernização dos veículos que possibilitam a comunicação entre as pessoas e considerando o período mais atual, a Internet vem desempenhando importante e destacado lugar, inclusive para os emigrantes e suas famílias. Tornou-se um campo de troca de experiências, sejam elas quais forem, instantaneamente e com menores custos financeiros, bem como, permitindo a omissão de identidade. Como veículo de comunicação ela tem superado muitas outras alternativas como a televisão, o rádio, e até mesmo o telefone. Já como rede de telecomunicação, ela tem se apresentado uma grande aliada dos agentes envolvidos nos fluxos migratórios contemporâneos. Os relatos dos emigrantes e uma rápida pesquisa efetivada na *web* sugerem que através dela e cada dia mais, os emigrantes nos EUA trocam informações, experiências, matam as saudades, enviam notícias dos mais diversos matizes ao país de origem, etc, bem como, atentam para o fato de que deste modo as redes sociais tecidas entre os emigrantes e seus conterrâneos e/ou amigos podem “alargar suas fronteiras”, se recriar e se modificar, apresentando outra configuração de articulação e sustentação deste fluxo. No universo das migrações contemporâneas, redes interpessoais e redes de telecomunicações são cada vez mais, realidades indissociáveis.

Através da internet os emigrantes valadarenses enviam notícias às suas famílias no Brasil, substituem-na pelas ligações telefônicas, pela escrita de cartas, como

também se informam sobre oportunidades de empregos nos EUA, têm acesso às de notícias referentes aos acontecimentos políticos, seja no Brasil ou nos EUA, etc. Se forem indocumentados, podem não só se informarem sobre sua condição e processos de legalização, mas também se organizarem, criando fóruns de discussões, debates e esclarecimentos. Criam comunidades de emigrantes em *sites* de relacionamento onde se encontram e se organizam, espalham informações e recebem-nas. Enfim, fazem da internet um campo de trocas de experiências e informações. Vejamos por exemplo o caso da jovem Patrícia, cuja infância é atravessada pelo fascínio das novas tecnologias. Apesar de ser americana, nascida em Framingham, a jovem mora há muitos anos em Governador Valadares junto com a mãe e o padrasto, mas não perde o contato com o pai e a madrasta que apesar de também serem valadarenses, ainda moram nos EUA:

E- E ele (pai, grifo meu) continua morando na Flórida?!

P- Continua morando na Flórida!

E- E você fala com ele sempre?

P- Falo, com ele assim, é que ele usa muito a internet, ele e ela.

E- O seu meio de comunicação com ele mais freqüente, qual é?

P- A internet!

E- A internet?! Você manda email?

P- É assim, a gente conversa, assim, eu encontro ela (madrasta, grifo meu) muito online, porque ela fica dentro de casa né?! Ai eu converso assim com ela e ele chega do serviço e eu converso com ele também, de vez em quando, só pela internet.

E- MSN?

P- É MSN, orkut, que a gente tem mais contato.

E- Orkut também?

P- É, orkut, também!

E- Daí você deixa bilhetinho pra ele?!

P- Deixo! (risos)

E- Mas aí é legal né?! Porque mantém o contato

(Patrícia, 16 anos, Governador Valadares, 05 de maio de 2007).

Patrícia conversa quase que diariamente com o pai nos EUA, sobre a vida cotidiana, sobre a vida escolar dela, sobre os trabalhos realizados pelo pai, sobre a irmã que mora nos EUA e tem problemas de saúde, dentre outras coisas. Há de se imaginar que assim como Patrícia, muitos outros emigrantes também mantenham um contato freqüente com a terra de origem, contatos que se intensificam conforme a intensificação também da produção, do desenvolvimento e da utilização de modernos equipamentos tecnológicos como o computador e de suas bases tcnosimbólicas, como a internet.

Essa modernização tecnológica permite um maior diálogo entre o “local” e o “global”, o que permite a circulação de informações, costumes e materialidades que muitas vezes são apropriados, causando alterações significativas, seja na maneira de conceber o mundo, nos hábitos cotidianos ou na cidade em seu sentido físico mesmo. As remessas de dinheiro conseguidas com o trabalho nos EUA e que são enviadas para Governador Valadares, é um exemplo prático deste “diálogo”. Ao mesmo tempo em que o trabalhador vende sua força de trabalho e muda sua maneira de viver, já que encontra-se em um lugar alheio, ele também envia grande parte deste montante à cidade natal. Estas remessas² por sua, também causam alterações já que grande parte delas é investido na própria cidade, grande parte na construção civil. Maurício é um empresário da construção civil que atua em Governador Valadares há mais de trinta anos, e que segundo o mesmo, “viu como tudo foi acontecendo”. Grande parte de seus clientes são emigrantes que moram nos EUA e graças as tecnologias que permitem a comunicação, ele consegue não só firmar o contrato como também o cliente pode ir acompanhando a obra:

M- Durante estes anos, é, eu pude perceber um período em que a construção civil tinha, com relação aos recursos vindos de fora, né, principalmente dos Estados Unidos, um índice bem significativo das obras realizadas. Já houve época em que um grande percentual das obras registradas no município tinham como origem é, recursos vindos dos Estados Unidos (...) a gente escuta histórias de pessoas que inclusive começaram a manifestar assim uma preocupação muito grande em realmente mandar os recursos, fazer a remessa de dinheiro, pros próprios familiares, sabe. Tanto que começaram a surgir alguns contatos diretos, chegamos a executar obras não através de familiares, mas diretamente com as pessoas...

E- E como é que vocês faziam? Por telefone, por Internet, fax?

M- Normalmente por telefone e Internet.

E- E na década de 80, tinha hábito, ou na década de 90, como é que vocês faziam esses contatos?

² Segundo a Folha de São Paulo em maio de 2004, os imigrantes legais e ilegais vivendo nos Estados Unidos enviaram cerca de US\$ 30 bilhões neste ano aos países da América Latina, segundo estudo inédito do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). “Até o final de 2004, quase 20% desse total terá como destino o Brasil. Nos últimos três anos, os brasileiros dobraram o volume de remessas de dinheiro a seus familiares. O montante passou de US\$ 2,6 bilhões em 2001 para US\$ 5,2 bilhões no ano passado (...). O estudo do BID revelou que o trabalho e renda dos cerca de 16,7 milhões de latino-americanos vivendo nos EUA equivalem hoje a cerca de US\$ 450 bilhões ao ano, um valor somente inferior ao PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil e do México”. O levantamento foi realizado em 37 estados e no Distrito de Columbia, onde fica Washington, e mostrou que vários segmentos de negócios nos EUA começam a atrair uma nova onda de imigrantes ao país. Segundo Donald Terry, então presidente do BID, “as remessas revelam a integração cada vez maior do mercado de trabalho em toda a região”. Do total de entrevistados, 32% afirmaram estar trabalhando ilegalmente nos EUA e apenas a metade afirmou possuir conta bancária no país. A notícia foi divulgada pela Folha de São Paulo no dia 18/05/2004.

M- Olha, eu não saberia assim te dar muita precisão... Da situação, sabe? Mas, o pessoal que tá fora, eles não ficam totalmente ausentes, periodicamente eles vem aqui, sabe? Então eu acredito que não só pela questão da saudade de ver os familiares e tudo mais, mas também em função...

E- Tem que administrar...

M- Tem que administrar! Mas o telefone foi ao longo desse período o mecanismo de comunicação mais utilizado. A internet é mais recente, e mesmo assim ainda existe alguma dificuldade operacional sabe.

E- Porque as pessoas que ficam lá nem sempre...

M- Que tá lá nem sempre tem acesso com facilidade, ao acesso, sabe, o conhecimento. Isso, pra poder às vezes um procedimento simples é um obstáculo, você demora aí uma semana pra conseguir com que eles abram o arquivo e vejam uma imagem 3d de algo que foi concebido aqui pra que ele possa aprovar e dar um retorno. Então, isso ainda é um fator pra criar uma certa dificuldade.

(Maurício, 59 anos, Governador Valadares, 07 de maio de 2007)

Como relatou Maurício, até então, o telefone tem desempenhado importante papel em se tratando da comunicação dos emigrantes com os seus conterrâneos na terra natal, o uso dele parece representar muito bem a forma como alteramos são só as nossas próprias vidas mas também como alteramos o aspecto físico da cidade. Em outras palavras, o que ocorre é que mesmo estando a milhas de distância, como é o caso dos emigrantes nos EUA, ainda assim, corroboramos para alterações significativas no âmbito “local”. Os clientes de Maurício podem contratar seus serviços e ainda acompanhar a obra mesmo sem se deslocar, apenas através dos meios de comunicação, que facilitam cada dia mais tais ações, alterando a configuração urbana da cidade.

No relato Maurício também admite que esses emigrantes “não ficam totalmente ausentes”, já que “periodicamente eles vêm aqui”, isso porque a comunicação periódica ou cotidiana com seus conterrâneos é fomentada pela atuação dos meios de comunicação. Eles atuam de tal maneira que podem inclusive, fazer com que essas visitas ao Brasil “pela questão da saudade de ver os familiares e tudo o mais”, seja realizada em períodos cada vez maiores de tempo, já que de uma maneira geral essa comunicação ameniza a “saudade”, funcionando como meio informativo e tranquilizador para os emigrantes e seus familiares no Brasil, o que de resto, pode provocar ainda um aumento na expectativa temporal planejada pelo emigrante quando da construção do projeto migratório primeiro. O que é ainda mais importante quando os emigrantes encontram-se na condição de indocumentados e a possibilidade de visita ao Brasil é remota em função do medo da deportação, caso sua condição seja descoberta ainda no aeroporto, por exemplo. Desta

forma, a formação destas redes de telecomunicações atuam de maneira significativa no grupo migrante quando através delas há a possibilidade de criar, manter ou modificar as redes sociais tecidas pelos emigrantes, elas aparecem como um suporte tecnológico de ampliação de possibilidades emigratórias, seja delineando e expandindo redes já formadas ou criando outras mais.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, estar lá...: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos**. TEXTOS NEPO. Campinas, junho de 2002.

BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux: mémoires et espoirs collectifs**. Paris: Payot, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução, Marcus Pinchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

FRANCISCO, Elton. **Emigração e Globalização: processos, estratégias e interatividades visíveis na cidade de Governador Valadares (MG) (1980-2007)**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso em História - UDESC, Florianópolis.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PORTES, Alejandro. **Estudos sobre as migrações contemporâneas**: transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração. Lisboa: Fim de Século, 2006.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Cultura e política no mundo contemporâneo**: paisagens e passagens. Brasília: Editora da UNB, 2000.

SALES, Teresa. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha & SALES, Teresa. **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 17-44.

SEYFERTH, Giralda. Cartas e narrativas biográficas no estudo da migração. In: DEMARTINI, Zeila B e TRUZZI, Osvaldo. **Estudos migratórios**: perspectivas metodológicas. São Paulo: EDUFSCar, 2005, p. 13- 53.

SIQUEIRA, Sueli. **Emigração: retorno e mobilidade social**. 32 ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 25 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. 2008.

_____. **Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares**: sonhos e frustrações no retorno. 2006. Tese de doutorado em Sociologia. UFMG, Belo Horizonte.